



ABRIR UMA PORTA, NUNCA MAIS VAI SER A MESMA COISA!

A Criatura Na Soleira Da Porta.



Escrito em Agosto de 1933 e publicado
pela primeira vez, sob o título


«THE THING ON THE DOORSTEP»
EM WEIRD TALES, EM JANEIRO DE 1937.

TRADUÇÃO E NOTAS DE:

SILVIA RODRIGUES

ALUNA

na UNIVERSIDADE LUSÓFONA,
e CULTISTA DE NYARLATHOTEP.



É verdade que enfiei seis balas na cabeça do meu melhor amigo e, no entanto, espero demonstrar, com este relato, que não sou o assassino. A princípio serei chamado de louco, mais louco do que o homem que matei, na sua cela do Sanatório de Arkham. Mais tarde, alguns dos meus leitores irão considerar cada uma das afirmações, confrontá-las com os factos conhecidos, e perguntarão a si próprios como poderia eu ter acreditado noutra coisa, após me ter deparado com a presença desse horror, com essa criatura na soleira da porta.

Até àquele momento, não vi mais nada senão loucura, em todos os episódios em que participei. Ainda agora me pergunto se não terei sido induzido em erro — ou se não serei realmente louco. Não sei, mas outros têm coisas estranhas que contar acerca do Edward e da Asenath Derby, e, mesmo a obstinada Polícia já não sabe o que fazer para explicar aquela última e terrível visita. Tentaram, debilmente, elaborar uma teoria acerca de uma piada de mau gosto ou de um aviso malicioso por parte de criados despedidos. No entanto, eles sabem no seu íntimo, que a verdade é algo de infinitamente mais terrível e inacreditável.

Assim, afirmo não ter assassinado Edward Derby. Pelo contrário, vinguei-o, e, ao fazê-lo, expurguei a terra de um horror cuja sobrevivência poderia ter desencadeado terrores inenarráveis sobre toda a humanidade. Existem zonas negras de sombra perto dos nossos caminhos de todos os dias e, uma vez por outra, uma alma maligna consegue abrir, através delas, uma passagem. Quando isso acontece, o homem que disse se apercebe deve atacá-la, antes mesmo de avaliar as eventuais consequências.

Que me lembre, sempre conheci o Edward Pickman Derby. Oito anos mais jovem do que eu, era de tal forma precoce que tínhamos muito em comum, desde o tempo em que ele tinha oito e eu dezasseis anos. Era o aluno mais informado e fenomenal que alguma vez conheci, e, aos sete anos de idade, escrevia já composições poéticas de um género sombrio, fantástico, quase mórbido, que surpreendiam os preceptores que o rodeavam. Talvez a educação particular e o seu isolamento protegido tivessem algo que ver com o seu desabrochar prematuro. Filho único, tinha fraquezas orgânicas que alarmavam os seus pais extremamente zelosos, o que os levou a manterem-no sempre sob a sua alçada. Nunca tinha autorização para sair sem a ama, e raramente tinha a oportunidade de brincar livremente com outras crianças. Sem dúvida, tudo isso alimentara uma estranha

vida oculta no rapaz, que apenas dispunha da imaginação como único caminho para a liberdade.

De qualquer forma, a sua aprendizagem juvenil era prodigiosa e bizarra, e os seus escritos mais espontâneos eram tais, que me cativaram, apesar de eu ter uma idade mais avançada. Nessa altura, eu tinha inclinações para uma arte de um género algo grotesco, e encontrara nessa criança uma rara alma gémea. O que estava por detrás do nosso interesse comum pelas sombras e pelos prodígios era, sem dúvida, a antiga, subtilmente assustadora e decadente cidade em que vivíamos — a cidade de Arkham, amaldiçoada pelas bruxas e assombrada por lendas, cujos dispersos e abaulados telhados amansardados, e apodrecidas balaustradas georgianas, meditavam pelos séculos, ao lado do sombrio e sussurrante Rio Miskatonic.

Com o passar do tempo, dediquei-me à arquitectura e abandonei a minha intenção de ilustrar um livro com os poemas demoníacos do Edward. Contudo, a nossa camaradagem não sofreu qualquer revés. O talento singular do jovem Derby desenvolveu-se extraordinariamente, e, no seu décimo oitavo aniversário, uma colectânea com os seus poemas de pesadelo fez verdadeira sensação, ao ser editada sob o título de Azathoth e Outros Horrores. Ele correspondia-se frequentemente com o conhecido poeta baudelairiano Justin Geoffrey, que escrevera O Povo do Monólito e morrera a gritar, num asilo de alienados, após ter visitado uma sinistra e má afamada aldeia na Hungria.

Porém, no que dizia respeito a independência e assuntos práticos, Derby revelava grandes deficiências devido à sua existência demasiado protegida. A sua saúde tinha melhorado, mas os seus hábitos de dependência infantil eram incentivados por pais excessivamente protectores. Assim, nunca viajava sozinho, nem tomava decisões independentemente, ou assumia quaisquer responsabilidades. Cedo se tornou evidente que ele não teria capacidade de se afirmar no campo profissional ou dos negócios, mas a fortuna da família era tão considerável que não adviria daí qualquer tragédia. Enquanto crescia, até se tornar um homem, reteve um enganador aspecto de rapazinho. Louro e de olhos azuis, tinha a compleição de uma criança, e, as suas tentativas de deixar crescer um bigode, só muito a custo se tornaram visíveis. A sua voz era suave e delicada, e a sua vida inactiva e cheia de facilidades dava-lhe um aspecto rotundo e infantil, em vez da obesidade que caracteriza a meia-idade prematura. Tinha uma altura razoável, e o seu gracioso rosto teria feito dele um notável galanteador, não fosse a timidez mantê-lo em isolamento e enfiado nos livros.

Os pais de Derby levavam-no para o estrangeiro todos os Verões, e ele rapidamente adquiriu, ainda que superficialmente, características da expressão e do pensamento europeus. Os seus talentos, muito semelhantes aos de Poe, inclinavam-se cada vez mais para o decadente, e outras sensibilidades e ânsias artísticas começavam a despertar nele. Tínhamos grandes discussões naqueles

tempos. Eu acabara o meu percurso em Harvard, já estudara no escritório de um arquitecto em Bóston, e tinha casado e regressado finalmente a Arkham para praticar a minha profissão — estabelecendo-me na residência da minha família, em Saltonstall Street, logo que o meu pai, por motivos de saúde, se mudou para a Florida. O Edward costumava visitar-nos quase todas as noites, até eu começar a considerá-lo como um membro da família. Tinha uma forma característica de tocar a campainha, ou de dar pancadas com a aldraba, que acabou por se tornar num verdadeiro sinal codificado, de forma que, após o jantar, esperava sempre ouvir os familiares três toques enérgicos, seguidos de outros dois após uma pausa. Com menor frequência, visitava-o eu em sua casa e observava com inveja os obscuros volumes na sua biblioteca em constante crescimento.

Derby frequentou a Universidade do Miskatonic, em Arkham, uma vez que os seus pais não o deixavam ir estudar para longe deles. Entrou aos dezasseis e completou o curso em três anos, licenciando-se em Literatura Inglesa e Francesa e recebendo notas altas em tudo, excepto na Matemática e em outras disciplinas de teor científico. Convivia muito pouco com os outros alunos, embora olhasse, invejosamente, para o grupo dos «atrevidos» e dos «boémios» — cuja linguagem superficialmente «inteligente» e pose despropositadamente irónica ele imitava, e cujo duvidoso comportamento desejava ter a coragem de adoptar.

O que ele fez foi tornar-se num devoto, quase fanático, de ocultos conhecimentos mágicos, pelo qual a Biblioteca da Universidade do Miskatonic era, e ainda é, famosa. Sempre um diletante, na área do fantástico e do estranho, mergulhava agora profundamente nas verdadeiras runas e mistérios, legados de um fabuloso passado para orientação ou perplexidade da posteridade. Lia coisas como o assustador Livro de Eibon, o Unausprechlichen Kulten de von Junzt, e o proibido Necronomicon do árabe louco Abdul Alhazred, embora nunca tivesse revelado tal facto aos seus pais. Edward tinha vinte anos quando o meu único filho nasceu, e pareceu satisfeito quando dei ao recém-nascido o nome de Edward Derby Upton, em sua homenagem.

Quando atingiu os vinte e cinco anos, Edward Derby era um homem prodigiosamente instruído e um poeta e fantasista de nomeada, ainda que a sua falta de contactos e de responsabilidade tivessem prejudicado o seu crescimento literário, tornando os seus trabalhos derivativos e demasiado teóricos. Eu era, talvez, o seu amigo mais íntimo, considerando-o uma mina inesgotável de importantes assuntos teóricos; enquanto ele contava comigo para o aconselhar em qualquer assunto que não desejasse mencionar aos seus pais. Manteve-se solteiro — mais pela timidez, inércia e protecção parental, que por inclinação, e frequentava os círculos sociais, mas de uma forma muito superficial e fugaz. Quando veio a guerra, quer a saúde quer a sua timidez inveterada o mantiveram em casa. Fui para Plattsburg⁶, numa comissão, mas nunca fui enviado para além-mar.

E assim se passaram os anos. A mãe de Edward morreu quando ele tinha

trinta e quatro anos e, durante meses, ele ficou incapacitado devido a uma estranha enfermidade psicológica. Contudo, o pai levou-o para a Europa e ele pareceu ultrapassar o problema sem quaisquer danos visíveis. Mais tarde, parecia sentir uma grotesca boa-disposição, como se se tratasse de uma fuga a alguma dependência oculta. Começou a associar-se ao grupo mais «avançado» da Universidade, apesar da sua idade madura, e esteve presente em alguns acontecimentos extremamente arrojados, numa ocasião pagando exorbitantemente para se livrar de uma chantagem (cujo dinheiro me pediu emprestado) e evitar que o seu pai tomasse conhecimento da sua presença num determinado acontecimento. Alguns dos rumores que se faziam sentir acerca do atrevido grupo da Miskatonic eram extremamente curiosos. Falava-se mesmo de magia negra e de acontecimentos totalmente inacreditáveis.

II

Edward tinha trinta e oito anos quando conheceu Asenath Waite. Segundo creio, esta rondava os vinte e três na altura, e estava a tirar uma cadeira especial, em *Metafísica Medieval*, na Miskatonic. A filha de um amigo meu tinha-a conhecido anteriormente, na Hall School em Kingsport, e sentira-se inclinada a evitá-la, dada a sua estranha reputação. Asenath era morena, um tanto baixa, e bastante bonita, à excepção dos seus olhos demasiado protuberantes. Algo, porém, na sua expressão, parecia afastar as pessoas extremamente sensíveis. No entanto, era a sua origem e as suas conversas o que levava as pessoas mais comuns a evitá-la. Fazia parte dos Waite de Innsmouth, e lendas obscuras tinham vindo a acumular-se, durante várias gerações, acerca dessa arruinada vila semi-deserta e dos seus habitantes. Existiam histórias de terríveis negócios, por volta de 1850, e de um estranho elemento, «não totalmente humano», nas famílias antigas do velho porto pesqueiro, histórias tais, que apenas os antiquados ianques conseguiam imaginar e repetir com o devido tom de espanto.

O caso de Asenath agravava-se pelo facto de esta ser filha de Ephraim Waite, fruto da sua idade avançada e de uma mulher desconhecida que andava sempre coberta com um véu. Ephraim vivia numa mansão, quase em ruínas, na Washington Street, em Innsmouth, e aqueles que a tinham visto (os habitantes de Arkham evitam ir a Innsmouth sempre que podem) afirmaram que as janelas do sótão estavam sempre entaipadas e que, por vezes, estranhos sons se ouviam, por detrás delas, quando a noite se aproximava. O velho era conhecido por ter sido um prodigioso estudante de magia, no seu tempo, e dizia a lenda que podia provocar ou amainar tempestades ao sabor dos seus caprichos. Eu tinha-o visto, uma ou duas vezes, na minha juventude, quando ele vinha a Arkham para consultar volumes proibidos na biblioteca da Universidade, e detestara o seu rosto cruel e lúgubre, com a sua emaranhada barba de um tom cinzento-ferro. Tinha morrido

louco — em circunstâncias deveras estranhas — mesmo antes de a sua filha (que pelo seu testamento passou a ter como tutor o director) entrar para a Hall School. Mas ela tinha sido a sua mais mórbida e ávida aluna e, por vezes, parecia-se diabolicamente com ele.

O amigo, cuja filha estivera na escola com Asenath Waite, repetiu diversas coisas curiosas quando as notícias da relação dela com Edward se começaram a espalhar. Ao que parecia, Asenath tinha-se feito passar, na escola, por uma espécie de feiticeira. Julga-se ter sido mesmo capaz de alguns prodígios verdadeiramente desconcertantes. Afirmava ter o poder de provocar tempestades, embora o seu aparente sucesso fosse geralmente atribuído a uma sinistra capacidade para a profecia. Todos os animais lhe tinham uma nítida aversão, e podia fazer qualquer cão uivar através de certos movimentos da sua mão direita. Havia alturas em que demonstrava rasgos de conhecimento e linguagem muito singulares — e muito indecorosos — para uma adolescente, especialmente quando assustava os colegas do colégio com olhares de esguelha e piscar de olhos de natureza inexplicável, parecendo extrair uma obscena e entusiástica ironia da sua presente situação.

Porém, mais invulgares ainda eram os casos bem documentados da sua influência sobre outras pessoas. Era, sem sombra de dúvida, uma verdadeira hipnotizadora. Olhando fixa e peculiarmente para uma colega, conseguia passar, muitas vezes, para esta última, a distinta sensação de troca de personalidade — como se o individuo fosse momentaneamente colocado no corpo dessa maga, e capaz de olhar em redor da sala, para o seu próprio corpo, cujos olhos pareciam arder e projectar-se fora das órbitas, com uma expressão alienígena. Asenath fazia, frequentemente, extraordinárias afirmações acerca da natureza da consciência e da sua independência do enquadramento físico — ou, pelo menos, acerca dos processos vitais desse mesmo enquadramento. No entanto, a sua raiva suprema era o facto de não ser um homem, uma vez que acreditava que o cérebro masculino possuía poderes cósmicos únicos e de maior alcance. Com o cérebro de um homem, afirmava, poderia não só igualar, mas ultrapassar o seu pai no domínio das forças ocultas.

Edward conhecera Asenath num cenáculo de intelectuais, realizado numa das salas para estudantes, e não conseguia falar de outra coisa quando me veio visitar no dia seguinte. Tinha-a considerado uma pessoa plena de interesses e erudição, algo que o cativara muito, e, para além disso, ficara extremamente atraído pela sua aparência. Eu nunca a tinha visto, e recordava-me apenas vagamente de referências casuais, mas sabia quem ela era. Parecia-me um tanto lamentável que Derby tivesse ficado tão enlevado pela jovem. Contudo, não disse nada para o desencorajar, uma vez que as paixões se intensificam quando contrariadas. Não tinha, segundo me disse, mencionado nada ao pai acerca dela.

Nas semanas que se seguiram, pouco mais ouvi ao jovem Derby para além das suas referências a Asenath. Agora, havia outros que teciam comentários

acerca da galanteria outoniça de Edward, embora todos concordassem que ele não aparentava minimamente a sua idade, ou que parecesse verdadeiramente inapropriado para consorte dessa bizarra divindade. Ele tinha apenas o ventre ligeiramente proeminente, apesar da indolência e da indulgência que tinha para consigo próprio, mas o seu rosto não revelava quaisquer rugas. Asenath, pelo contrário, tinha pés-de-galinha prematuros que provinham do exercício de uma intensa força de vontade.

Por essa altura, Edward trouxe a rapariga para me visitar, e eu reparei imediatamente que a sua paixão era, de facto, correspondida. Ela olhava-o continuamente com um ar quase predatório, e percebi que nada mais havia a fazer, capaz de quebrar a intimidade que existia entre eles. Pouco depois, recebi a visita do velho Sr. Derby, que eu sempre tinha admirado e respeitado. Este tinha ouvido as histórias sobre a nova amizade do filho, e conseguira arrancar toda a verdade ao «rapaz». Edward tencionava casar-se com Asenath, e tinha mesmo estado a ver casas nos subúrbios. Conhecendo a minha habitual e forte influência sobre o filho, o pai imaginou que eu o pudesse ajudar a pôr termo àquele malfadado caso; porém, expressei-lhe pesarosamente as minhas dúvidas. Dessa vez, não se tratava da vontade fraca de Edward, mas da forte determinação da mulher. A eterna criança tinha transferido a sua dependência da imagem paterna para outra mais nova e mais intensa, e nada se poderia fazer contra isso.

O casamento realizou-se um mês mais tarde, por um juiz de paz, de acordo com o pedido da noiva. O Sr. Derby, seguindo o meu conselho, não mostrou qualquer oposição, e eu, ele, a minha mulher e o meu filho, comparecemos à breve cerimónia — sendo os restantes convidados os jovens e insensatos alunos da Universidade. Asenath comprara a velha casa de Crowninshield, no campo, ao cimo da High Street, onde o casal tencionava ficar a residir, após uma breve viagem a Innsmouth, lugar de onde deveriam vir três criados, alguns livros e utensílios domésticos. Provavelmente, não seria tanto por consideração a Edward e a seu pai, mas por um desejo pessoal de ficar perto da Universidade, da sua biblioteca, e da sua multidão de «pessoas sofisticadas», o que levava Asenath a estabelecer-se em Arkham, em vez de ter regressado, definitivamente, à sua casa em Innsmouth.

Quando Edward me visitou, após a lua-de-mel, pensei que ele me parecia ligeiramente mudado. Asenath tinha-o forçado a livrar-se do bigode ralo, mas isso não era tudo. Acreditei que ele tinha um aspecto mais sóbrio e pensativo, dado que o seu beicinho de rebelião infantil fora substituído por um ar de quase genuína tristeza. Estava demasiado intrigado para poder decidir se a mudança me agradava ou não. Nesse momento, no entanto, parecia ter uma aparência mais natural e mais adulta do que nunca. Talvez o casamento lhe tivesse feito bem. Com efeito, não poderia a transferência de dependência constituir o começo de uma verdadeira neutralização, capaz de o levar finalmente a uma independência responsável? Edward viera só, pois Asenath estava muito ocupada. Esta trouxera

um grande abastecimento de livros e instrumentos de Innsmouth (Derby estremeceu ao pronunciar esta palavra), e estava a terminar os restauros da casa e dos jardins de Crowninshield.

A casa dela, nessa cidade, era um lugar deveras inquietante, mas alguns dos seus objectos tinham-lhe revelado coisas surpreendentes. Fazia rápidos progressos nos seus conhecimentos esotéricos, agora que podia contar com a orientação de Asenath. Algumas das experiências por ela propostas, eram extremamente ousadas e radicais — sentia que não tinha a liberdade para mas revelar, mas confiava nos poderes e intenções dela. Os três criados eram muito estranhos: um casal extremamente idoso que tinha servido o velho Ephraim, e que se referia ocasionalmente a ele e à falecida mãe de Asenath de uma forma enigmática, e uma jovem rapariga trigueira, de aspecto provinciano, que possuía evidentes anomalias fisionómicas e parecia exalar um permanente odor a peixe.

III

Nos dois anos seguintes, vi Derby cada vez menos. Por vezes, passavam-se quinze dias sem que soassem as familiares pancadas de três-mais-duas na porta da frente; e quando ele me visitava ou quando, como acontecia com cada vez menor frequência, o visitava eu, mostrava-se pouco disposto a conversar sobre assuntos fundamentais. Tinha-se tornado reservado, no que dizia respeito àqueles estudos do oculto que costumava descrever e discutir tão minuciosamente, e que preferia não mencionar à sua mulher. Desde o casamento, ela tinha envelhecido extraordinariamente, até que por essa altura, por mais estranho que pudesse parecer, parecia ser a mais velha dos dois. O seu rosto revelava a expressão mais concentrada e determinada que jamais vi, e, no seu todo, a sua aparência parecia ganhar uma vaga e indefinível repugnância. A minha mulher e o meu filho, tal como eu, também o notaram, e, pouco a pouco, deixámos de a visitar, facto pelo qual, admitiu Edward num dos seus momentos infantis de falta de tacto, ela estava absolutamente grata. Ocasionalmente, os Derby partiam em longas viagens, ao que parecia para a Europa, embora, por vezes, Edward fizesse alusão a destinos mais obscuros.

Foi após o primeiro ano que as pessoas começaram a tecer comentários acerca da mudança de Edward Derby. Eram comentários casuais, dado que a mudança era meramente psicológica, mas revelavam alguns pontos interessantes. De vez em quando, segundo parecia, Edward era visto com uma expressão e uma forma de agir totalmente em desacordo com a sua habitual natureza indolente. Por exemplo: embora antigamente não soubesse conduzir, era agora visto, ocasionalmente, a sair ou a entrar, a grande velocidade, do velho caminho de acesso a Crowninshield, com o potente Packard de Asenath, manuseando-o como um profissional, e enfrentando engarrafamentos de trânsito com uma perícia e

determinação totalmente estranhas à sua natureza acomodada. Nestas alturas, parecia sempre estar a voltar de alguma viagem, ou prestes a iniciar uma. Que tipo de viagem, ninguém sabia, embora ele normalmente preferisse a velha estrada que se dirigia a Innsmouth.

Estranhamente, a metamorfose não parecia ser totalmente agradável. As pessoas comentavam que, nesses momentos, ele se assemelhava demasiado à sua mulher, ou ao próprio velho Ephraim Waite; ou talvez esses momentos parecessem invulgares por serem tão raros. Por vezes, horas após iniciar dessa forma uma das suas viagens, ele voltava, estendido com indiferença no banco de trás do seu automóvel, enquanto um motorista ou mecânico, obviamente contratado, o conduzia. Da mesma forma, o seu aspecto preponderante quando caminhava pela rua, durante o seu visivelmente decrescente contacto social (incluindo, devo dizê-lo, as visitas que me fazia) era o seu velho ar de indecisão e a sua infantilidade irresponsável, ainda mais evidentes que no passado. Enquanto o rosto de Asenath envelhecia, o de Edward, aparte aquelas ocasiões excepcionais, parecia descontrair-se numa espécie de exagerada imaturidade, salvo quando um rasgo da nova tristeza ou compreensão fulgurava nele. Era tudo deveras enigmático. Entretanto, os Derby desistiram praticamente de frequentar o alegre círculo da Universidade, não porque se tivessem desgostado, segundo o que se ouviu dizer, mas porque algo acerca dos seus actuais estudos chocou até o mais fanático dos outros decadentes.

Foi no terceiro ano de casamento que Edward me começou a insinuar abertamente um certo medo e insatisfação. Deixava escapar comentários acerca de como as coisas «estavam a ir longe de mais», e falava obscuramente da necessidade de «preservar a sua identidade». A princípio, ignorei tais referências, mas, com o passar do tempo, comecei a questioná-lo cuidadosamente, recordando o que a filha do meu amigo havia mencionado acerca da influência hipnótica de Asenath sobre as outras raparigas no colégio, os casos em que as estudantes tinham pensado estar no corpo dela, a olhar em redor da sala para si próprias. Este interrogatório pareceu, simultaneamente, deixá-lo alarmado e grato, e certa vez balbuciou algo acerca de precisar de ter uma séria conversa comigo, mais tarde.

Por essa altura, morreu o velho Sr. Derby, facto que me fez ficar, mais tarde, bastante agradecido. Edward sentiu-se muito abalado, embora não de todo desorientado. Surpreendentemente, ele vira muito pouco os pais depois do casamento, pois Asenath concentrara nela todo e qualquer elo familiar vital para Edward. Alguns chamaram-lhe insensível na sua perda, principalmente desde que os vistosos episódios de extrema confiança, no automóvel, começaram a ser mais frequentes. Ele desejava agora mudar-se para a velha mansão dos Derby, mas Asenath insistia em ficar na casa de Crowninshield, à qual ela se tinha habituado bem.

Pouco tempo depois, a minha mulher ouviu algo curioso da parte de uma amiga, uma das poucas que não tinha abandonado os Derby. Esta tinha ido até

ao fim da High Street para visitar o casal e vira um automóvel a sair a grande velocidade do caminho de acesso à casa, com o rosto de Edward, estranhamente confiante e com uma expressão quase escarnekedora, sobre o volante. Ao tocar à campainha, foi-lhe dito pela rapariga de ar repugnante que Asenath também não estava em casa; mas tinha olhado por acaso para a parte superior da mesma antes de se afastar. Aí, numa das janelas da biblioteca de Edward, tinha vislumbrado um rosto a esconder-se rapidamente — um rosto cuja expressão de dor, derrota e melancólico desespero era indiscritivelmente pungente. Tratava-se, incredivelmente, tendo em conta o seu habitual olhar dominador, do rosto de Asenath. Contudo, a visitante garantira que, naquele instante, eram os olhos tristes e confusos de Edward que estavam presentes naquele corpo.

As visitas de Edward começaram agora a ser um pouco mais frequentes, e os seus comentários tornaram-se mais concretos. Não se podia acreditar no que dizia, nem mesmo naquela cidade centenária de Arkham, assombrada por lendas. Porém, narrava os seus estranhos episódios com uma sinceridade e convicção que me faziam temer pela sua sanidade mental. Falou de encontros terríveis em locais ermos, de ruínas ciclópicas no coração dos bosques do Maine, sobre as quais vastas escadarias conduziam a precipícios de tenebrosos segredos; de complexos ângulos que levavam, através de paredes invisíveis, a outras regiões do espaço e do tempo; e sobre hediondas trocas de personalidade que permitiam explorações em sítios proibidos e remotos, em outros mundos, e em diferentes continua espaço-temporais.

Ocasionalmente, conseguia comprovar algumas das suas estranhas afirmações exibindo objectos que me confundiam totalmente: objectos de texturas instáveis e cores elusivas, como ninguém jamais vira na Terra, cujas impraticáveis curvaturas e superfícies pareciam não possuir qualquer desígnio concebível nem seguir nenhuma geometria conhecida. Esses objectos, declarou, tinham vindo «do exterior», e a sua mulher sabia como obtê-los. Por vezes — mas sempre através de ambíguos e assustados murmúrios — sugeria coisas acerca do velho Ephraim Waite, que ele verificara ocasionalmente na biblioteca da Universidade, nos velhos tempos. Essas descrições nunca eram específicas, mas pareciam girar em torno de uma dúvida particularmente horrível, sobre se o velho feiticeiro estaria realmente morto, não apenas em corpo mas em espírito.

Por vezes, Derby parava abruptamente a meio das suas revelações, e imaginei se Asenath conseguiria adivinhar à distância o que ele dizia, obrigando-o a parar através de alguma forma desconhecida de hipnose telepática, um poder do género dos que ela demonstrara no colégio. Certamente, suspeitava que ele me contava coisas, pois, com o passar das semanas, tentou impedir as suas visitas com palavras e olhares de uma potência inexplicável. Apenas com dificuldade conseguia ele visitar-me, pois embora fingisse ir a outro lado, uma força invisível acabava quase sempre por coarctar os seus movimentos ou fazer com que

esquecesse de para onde se dirigia, naquele exacto momento. Habitualmente, as suas visitas proporcionavam-se quando Asenath estava fora, — «fora, no corpo dela» como ele estranhamente me disse em certa ocasião. Mais tarde, ela acabava sempre por descobrir — os criados vigiavam as saídas e entradas dele — mas, evidentemente, achava não ser necessário tomar atitudes drásticas.